

O Toninho

TEM nove anos e uma história tão complicada que não é fácil contá-la exaustivamente nestes *Retalhos de Vida* que ele não seria ainda capaz de escrever.

Nascido de pai cigano e de mãe provinda de família em grande degradação moral, viveu seus primeiros quatro anos em Matosinhos, em zona da Estrada Exterior da Circunvalação onde a droga reinava e ainda reina, apesar das muitas demolições de baracas e transferência de alguns moradores para Bairros Camarários.

Com quatro anos e quatro dias, estando a mãe detida em Tires, o Toninho foi conduzido, mediante mandato judicial cumprido pela P.S.P., da «companhia» do pai e de três irmãos mais velhos e da situação caótica em que todos estavam, ao Centro de Acolhi-

mento da honrada e prestabilíssima Obra de Nossa Senhora das Candeias.

Em Fevereiro/94, foi recebido nesta Casa do Gaiato com entrega decretada pelo Tribunal de Menores; e ano e meio após, foi instaurada a tutela que assumimos — mas *agora* não sabemos o que tal significa para além de palavras ou de gestos de «lavar as mãos».

Entretanto, o Toninho, muito fechado e de comportamento extremamente instável no princípio, evoluiu notavelmente no sentido de abertura e começou a encarar as actividades escolares com algum sentido de responsabilidade e, naturalmente, com melhor proveito.

«Vamos ter homem!» — pensávamos nós no encantamento de acompanharmos a bom porto este cigano, porquanto, da mesma

origem, passaram por cá outros — dois deles primos deste — mas já profundamente tocados pelo vício de «cheirar cola» e de vadiar e em idades que não facilitavam a adaptação.

Vinda de Tires, a mãe do Toninho foi para casa dos pais em Pardilhó e ligou-se a um companheiro que, em breve, a trocava por uma irmã, mas de que lhe ficou uma pequenina Marta agora com 4 anos.

Da casa dos pais, passou a viver em casa de outra irmã onde se juntaram os três rapazes mais velhos que, preso o pai em Custóias, foram entregues à mãe. Uma vez mais expulsa, agora de casa desta irmã, foi viver num barracão em bouça de Pardilhó que a *Caritas* paroquial ajudou a melhorar e é a casa que a fotografia mostra, onde habitam a mãe e o homem com quem se diz casada e o filhito de ambos com 21 meses; mais três filhos do mesmo pai do Toninho com 16, 14 e 12 anos e uma menina de 6 anos, não sei se também do mesmo pai, uma vez que a Marta de 4 anos vive com uma prima.

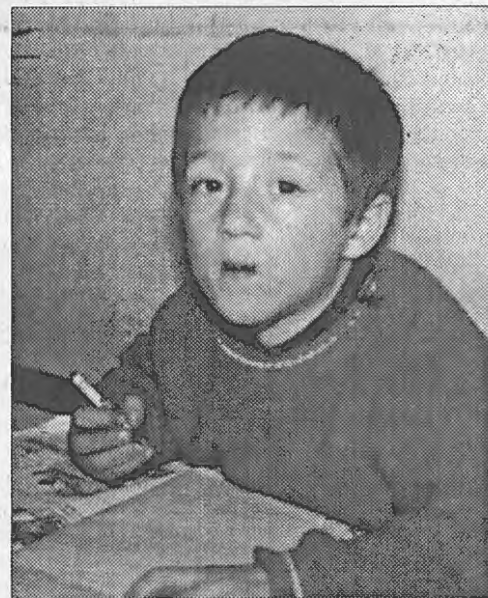
Do que é esta habitação e do teor do que vai lá dentro, diz este pequeno relatório da Senhora do Centro Paroquial que lhes presta assistência desde 2/Setembro/92:

«Vivem em abrigo pertencente à *Caritas* paroquial que o levantou como foi possível para abrigar a família — a Rosa e duas filhas — os elementos dela que se encontravam em Pardilhó nessa altura e porque a mãe a tinha expulsado de casa e estavam na rua.

Depois a Rosa casou, os filhos que viviam em Matosinhos vieram para Pardilhó e, neste momento, a família a residir num pequeno abrigo de três pequenas divisões — dois quartos e uma cozinha — são o casal e cinco crianças.

Não há hábitos de higiene, nem luz, nem água, nem esgotos, e as crianças estão sempre infestadas de parasitas.

Tive conhecimento de que ela tinha intenção de ir buscar mais um filho que está na Casa do Gaiato e apressei-me a ir visitar a



Já encarava as actividades escolares com algum sentido de responsabilidade.

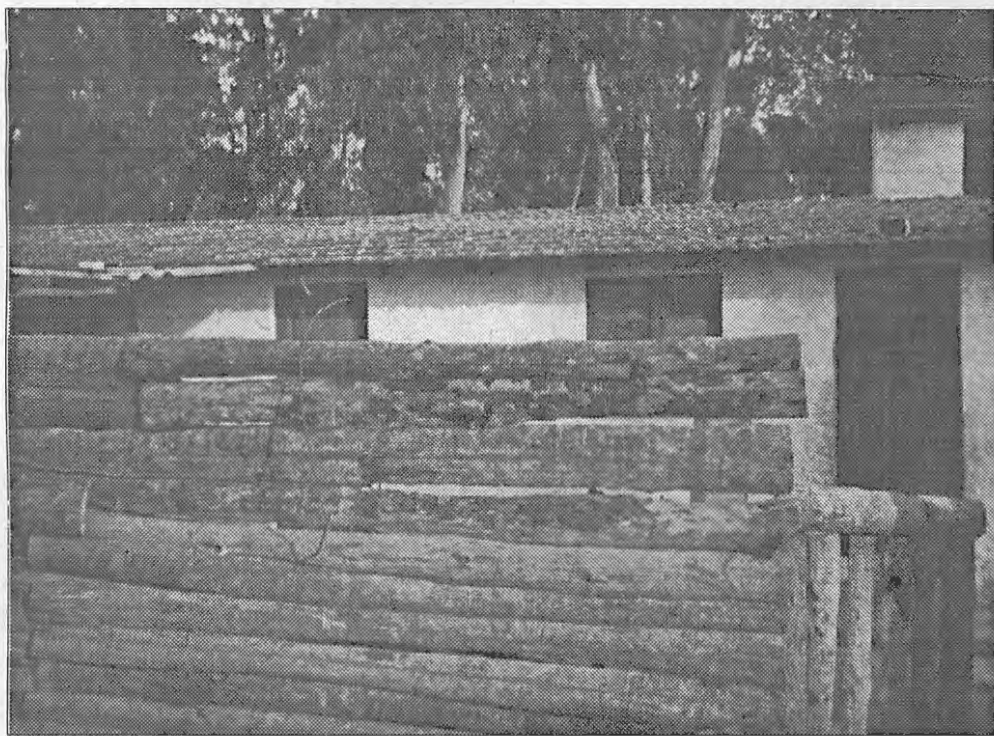
família e a falar com ela. Depois de uma longa conversa, confidenciou-me que não queria o filho em casa, mas noutra Casa do Gaiato mais perto. Disse-me também que ia mandar embora o pai do Júlio David (o bebé de 21 meses) porque já estava farta dele. Perguntei-lhe como ia criar depois os filhos. E ela, olhando para mim, disse que ninguém devia morrer de fome.»

Eis o contexto em que desde segunda-feira, 28/Julho, passou a viver uma sexta criança, o Toninho, que «ela tinha intenção de ir buscar» e veio mesmo, com ordem do Tribunal de Menores do Porto comunicando-nos que «por decisão deste Tribunal de 30/05/97, foi revista a medida tutelar em curso e, nos termos dos art.ºs 46.º e 18.º da O.T.M., foi decretada a confiança do menor à progenitora».

Progenitora...! Os técnicos que tratam dos riscos das crianças, perderam do seu vocabulário os nomes de pai e mãe. Agora, progenitores é a palavra oficial. Talvez um pequeno resto de razão... que acaba também por ser perdida na leviandade e incoerência das decisões!

Assim defendem os Menores, os Serviços estabelecidos para tal!

Padre Carlos



A casita, em bouça de Pardilhó, pequeno abrigo de três pequenas divisões.

CALVÁRIO

O Boavida é um doente que, há sessenta anos, sofre as consequências de paralisia cerebral. Está paraplégico e naturalmente carece de outros para tudo.

O Carlos, rapaz mongolóide, assume algumas das tarefas de que aquele vai precisando. Levanta-o, senta-o no carro de rodas e serve-lhe as refeições com muita conversa e risada à mistura.

Neste sábado, como habitualmente, um grupo de Amigos vem ajudar aos banhos. Chega cedo, mesmo antes do pequeno-almoço. Um deles acerca-se do Boa-

Disponível para servir

vida, pega na tigela e começa a dar-lhe o café com muita ternura e boa vontade. Entretanto, o Carlos aparece, depois de ele próprio ter tomado a sua refeição matinal. Vem ofegante, temendo o pior. E acerta. Dá com o nosso amigo empenhado no café do Boavida e desata a chorar, a soluçar convulsivamente. Tiraram o seu trabalho e, por isso, chora.

Abeiro-me dele. Abro o

bolso da camisa e peço-lhe suplicante que chore para dentro. O Carlos sorri, deixando de chorar. Coloca a mão no meu ombro e com voz meiga, diz-me:

— Já está bem. Mas o Boavida é meu! Para outra vez sou eu quem dá o café.

O voluntário é importante como presença junto dos doentes. No entanto, ele corre o risco de, por vezes, tirar o lugar a quem está

permanentemente ao lado dos doentes. E isto é feito com a melhor das intenções. A discreção deve ser a primeira qualidade a cultivar. O voluntário não é alguém que substitui, mas que está disponível para servir, para complementar os cuidados a ter com os doentes.

Não falo das Instituições em que o voluntariado é instituição. Falo desta Casa onde o doente que pode,

executa com gosto algumas tarefas concretas em prol dos menos válidos. Tirar-lhe o trabalho entristece-o. Ele quer ser útil, mostrar que é capaz. E assume normalmente as responsabilidades. Se estas lhe são retiradas por alguém que deseja ajudar, o doente fica triste, parado, supondo que já não serve, que alguém faz melhor.

O voluntário entre nós é importante e nós desejamo-

lo como presença que vem estimular e até ajudar o doente a descobrir as suas capacidades, admirando-o e louvando-o sem o substituir.

— Está bem, mas o Boavida é meu!

Nos Hospitais e Lares de pessoas idosas há, normalmente, quem faça o trabalho diário. O voluntário não pode aparecer para substituir, mas para ser presença disponível e atenta, para colaborar, soprar ânimo, coragem, vento novo e fresco para que o ar viciado da rotina não se instale mas renove e dê gosto ao viver.

Continua na página 3

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

CARTAS — Sem desprimor para as demais, citadas em *Partilha*, destacamos uma, com muita substância, escrita pela assinante 28285, da Capital:

«Amigos: Estou a passar alguns dias de férias (...). O último O GAIATO trazia um apelo que muito me impressionou: o S.O.S. da Conferência de Paço de Sousa, daquele idoso que tem o filho com sida (O GAIATO de 19/7). Confesso que tenho, muitas vezes, uma repugnância quase invencível pelos numerosos pedintes que, em Lisboa, se nos dirigem, dizendo-se portadores do vírus da sida; confesso — sendo de outra geração — que me custa interiormente a aceitar as causas verdadeiras da doença: droga, promiscuidade, etc. Que o Senhor me perdoe este meu farisismo! Ele também não perguntava aos leprosos do seu tempo aonde tinham contraído a lepra! Que Ele me ajude a modificar o meu coração e os meus juízos, e a ser interiormente menos intransigente vendo as pessoas com o Seu Olhar!

Nestas férias, é este o Seu Apelo para o dia de hoje. Que o Senhor ajude esse (ou outros...) doentes de tão terrível mal e me ajude a vê-los com o Olhar do Pai.

Envio um pequeno óbolo para que possais ajudar por mim e possais ajudar a modificar a minha visão dos problemas.

N.B. — Não é preciso acusar a recepção. Decerto que aí chega.

Com amizade e gratidão, no Senhor...»

É luz da Luz! Pai Américo diria: — O Espírito Santo sopra onde quer.

PARTILHA — Relativamente ao doente, o caso motivou o coração dos Leitores: Assinante 36543, de Lisboa, cuja oferta «poderá servir para o que ele, pai, melhor entender». Dez mil, do assinante 67314, também da Capital: «Para o assistido da Conferência de Paço de Sousa, cujo filho, seropositivo, necessita de alimentação especial. Não necessitam de acusar recepção. Peço a Deus por vós e pelos seus destinatários (que também somos nós!)». Que bem! Presença da «Mãe que crê em Deus». Cheque da assinante 56421: «Pequena migalha para o doente. Não quero que agradeçam. Peço anônimo».

Agora, chega o contributo da assinante 31104 — para a generalidade de encargos da Conferência: «É confrangedor, por vezes, ler notícias onde aparecem casos que nos deixam tristes. Rezem por mim».

Outro cheque, cinco mil, do Monte Estoril, lembrando «entes queridos». Sufrágio cristão!

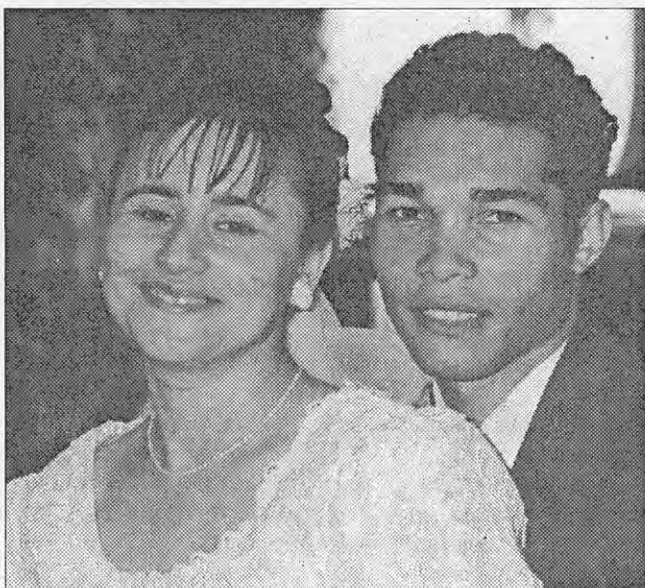
Assinante 57002, da Senhora da Hora: «Pequena migalha (30.000\$00) do mês de Julho e desejo que a ela se juntem outras e, assim, possam minorar o sofrimento dos mais carenciados».

Mais um cheque, da assinante 20174, de Coimbra — onde Pai Américo se fez Padre da Rua — cujo valor (15.000\$00) será «para empregarem como melhor entenderem». Esta Leitora reconhece que somos bombardeados, todos os dias, com as mais complexas necessidades de quem precisa.

Setúbal: A «Avó dos cinco netinhos» fecha a procissão com «pequenina lembrança de Julho» — e o carinho de todos os Avós.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes



A Paula Cristina e o Lupricínio casaram, em 12 de Julho, na capela da Casa do Gaiato de Paço de Sousa.

PAÇO DE SOUSA

PISCINA — Finalmente começou a funcionar! O atraso deveu-se à falta de materiais e produtos. Agora, vamos gozá-la, pois merecemo-la após um tão grande esforço na colheita da batata, em época de muito calor.

BATATA — Este ano o tubérculo saíu-se muito bem. Os rapazes também.

Já está quase toda apanhada. Depois, só precisamos de a escolher...

Damos, graças a Deus pela colheita.

MILHO — O milho está a sofrer um pouco porque não teve um tempo adequado.

FRUTA — As nossas árvores deram muita fruta! Estamos a colhê-la para as refeições.

ESCOLA — Finalmente, no mês em curso não há mais

escola para ninguém... porque todos precisamos de férias para descansar.

Votos de boa paragem para toda a gente que as possa gozar...

Marco Paulo

Associação dos Antigos Gaiatos do Norte

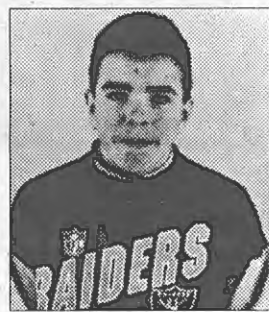
Pai Américo partiu para o Céu em 16 de Julho de 1956. Já lá vão 41 anos.

A nossa Associação tem procurado, sempre, com a simplicidade que Pai Américo gostava, fazer-lhe uma singela homenagem.

Foi o nosso ramo de flores, deposto na sua sepultura, na Capela. Foi a Eucaristia, celebrada pelos Padres Telmo, Carlos e Horácio, vivida por todos nós, como sempre, debaixo das frondosas tilias do hospital. O almoço-convívio. Cada um levou o seu famel e

RETALHOS DE VIDA

«Tatarro»



Sou o Jorge Ricardo Barros Polónia, por alcunha o «Tatarro».

Nasci na cidade do Porto, perto do rio Douro, a 24 de Junho de 1982.

Quando era pequenino, os meus pais não nos podiam criar todos ao mesmo tempo porque somos sete irmãos! Então, eles conseguiram que fosse para um colégio. E, num belo dia, o nosso Padre Carlos foi lá buscar-me.

Vim para a Casa do Gaiato, de Paço de Sousa, com quatro anos, para junto dos «Batatinhas» — os mais pequeninos da nossa comunidade.

Agora, tenho 15 anos. Gosto muito de estar nesta Aldeia tão bonita com o meu irmão Ilídio.

Quando for grande, quero ser pintor de carros e trabalhar na cidade onde nasci — o Porto.

«Tatarro»

procurou compartilhá-lo com os irmãos. A casa forneceu a pinguinta, que não fica nada a dever às melhores castas.

É bom convivermos, uns momentos, com quem fomos criados. Uns mais velhos, outros mais novos, deixando para trás as incompreensões, as tempestades próprias da idade.

Lá estavam: Fernando Bártole («Lua»), Alfredo («Fala-Grossa»), Carlos Gonçalves («Girafa»), António Carpinteiro, «Trofa», Félix («Chico dos Teares»), Lourenço («Rola»), Delfim («Fominhas»), Júlio Mendes e outros mais.

Realçamos também a presença de alguns colegas que estão no estrangeiro e já marcam férias para esse dia, para conviverem connosco.

Notaram-se algumas ausências. Por doença? Esperamos que não tenha sido. Por estarem de férias? No próximo ano sigam o exemplo dos que estão no estrangeiro.

Contaremos, mais uma vez, com a prestimosa colaboração dos nossos irmãos, de Paço de Sousa, pois a festa é de todos, para todos.

Não foi possível enviar convites a cada um. Mas serão precisos? Como sabemos, para estas coisas estamos sempre convidados. Basta uma lembrança n'O GAIATO.

Marca no teu calendário a data mais próxima do 16 de Julho do próximo ano. No entanto, até lá, ainda daremos notícias.

Valdemar

PRAIA — O primeiro e o segundo grupos regressaram; e o terceiro para lá caminhou. Esperamos que tenham aproveitado ao máximo.

PISCINA — Este ano, a piscina tem estado bem. E a da praia é vítima de alguns problemas, poucos, que não impedem os rapazes de dar uns bons mergulhos.

OBRAS — As do bar novo estão quase acabadas. Talvez fiquem prontas no final do mês em curso.

Agora, reparam o telhado da Capela.

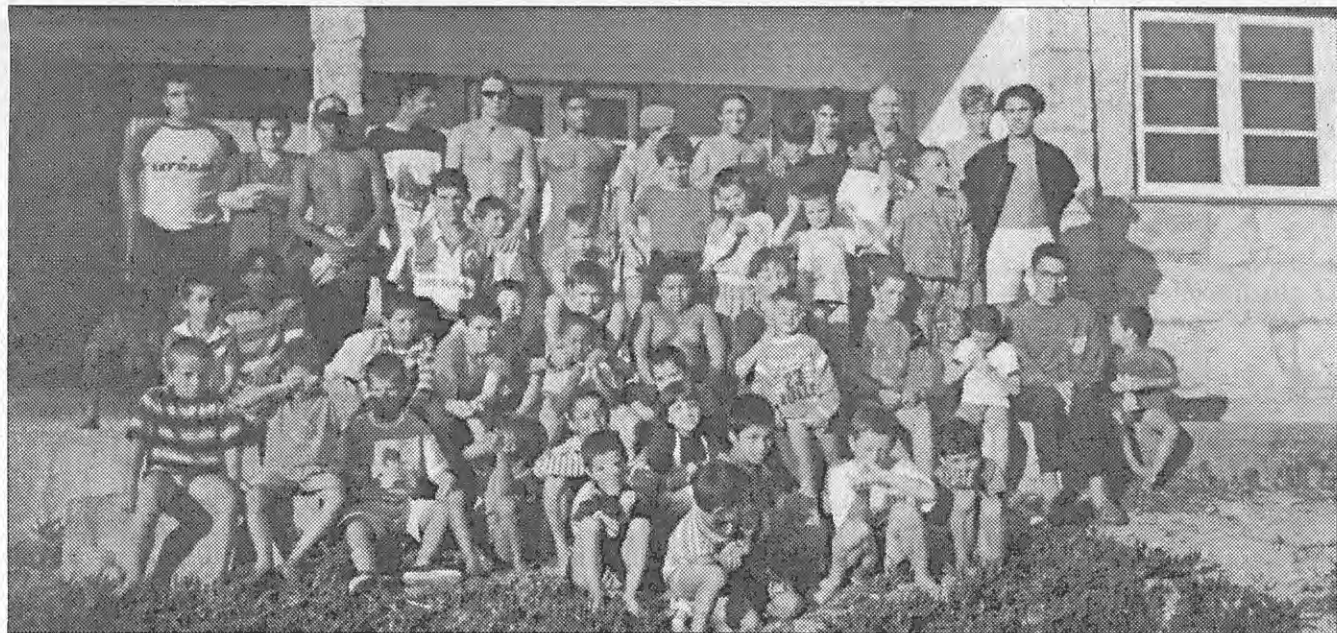
CAMARATAS — Cada vez estão mais bonitas, graças à pintura que levaram, aos novos armários nas salas e, quem sabe, a uns novos sofás...

DESPORTO — Os grupos que quiserem competir, em futebol, seja qual for o seu estrato etário, basta comunicarem, com antecedência, a César Duarte, telef. (01) 9749019.

Arnaldo Santos

PRAIA DE AZURARA (Vila do Conde) — Aí está o grupo do primeiro turno que, este ano, beneficiou de mais alguns dias de férias. Todos se divertiram bastante. Dos mais novos, havia quem nunca tivesse ido à praia. Foi exuberante a alegria dos «Batatinhas» vendo tanta água e tanta areia! No fim do turno ficaram todos bronzeados. Correu tudo bem. E, no próximo ano, se Deus quiser, lá estaremos novamente. Para o segundo turno, em férias, votos de bons dias de praia.

«Albufeira»



MIRANDA DO CORVO

PRAIA — O tempo de praia já acabou para o segundo turno dos nossos rapazes. Regressaram queimados e muito contentes.

O terceiro turno seguiu na quarta-feira, dia 31. Todos muito felizes.

GADO — As vacas estão sem dar leite e não sabemos porquê. Já abatemos muitas frangas e os pintos continuam a crescer.

TOJAL

CAMPO — Terminou a apanha da batata e do feno. Infelizmente, as colheitas não foram tão boas como em anos anteriores.

TRIBUNA DE COIMBRA

Enorme recurso educativo

A beleza e a harmonia que dimanam das coisas que nos rodeiam, constituem um enorme recurso educativo.

Educar não é apenas inculcar obediência à norma, ao permitido e ao proibido. Também tem um lugar importante esta aprendizagem. A criança precisa de «balizas», de normas para que integre com êxito as suas capacidades actuais e futuras. Mas gosto mais dos nossos jardins novos. Que os rapazes, delicadamente, aprendam a tratar das plantas com o mesmo respeito e carinho que nutrem pelos periquitos ou pelo velho corvo enclausurado no espigueiro. E se a colheita do nosso milho não apresentar saldo justo ao custo da semente e da rega, há-de oferecer aos rapazes um ATL ocupacional sadio e natural de um enriquecimento humano invejável.

Os lucros da educação não se podem medir pelos cifrões. Valem, sim, os valores humanos e transcendentais inculcados e assumidos na alma das novas gerações. Mais escolas com menos alunos. Menos gastos supérfluos em tantas campanhas. Mais proximidade. Mais formação a condizer com o caos de tanta informação.

Gostei de ver o «Capazuco» e o «Fininho» comendo de verdura por eles apanhada, um enorme jarrão que se encontra à porta do escritório. Observei com agrado o empenho do «Pinta» a fazer as caldeiras à volta das árvores — ninguém faz melhor do que ele. E a persistência do Zé Pequenito com o grupo dos «Batacinhas» a apanhar folhas secas para que o nosso parque esteja sempre limpinho!

Da educação não se pode dizer melhor: próxima da vida, familiar, concreta.

Padre João



Casa do Gaiato de Miranda do Corvo — Edifícios novos com jardim à frente.

CALVÁRIO

Continuação da página 1

Mas, se o voluntário é presença desejada junto dos doentes, como amigo que conversa, que escuta, que trata pelo nome, que considera Pessoa quem está sofrendo, ele é igualmente

presença necessária junto daqueles que se ocupam dos doentes.

Quanta coragem não se incute a quem trabalha com doentes, com um simples louvor ou sinal de apreço pela dedicação e esforço dispendidos.

O nosso Carlos aos sábados desdobra-se em cuidados com os doentes só porque há quem venha ver o seu trabalho. Deus levou-

-nos o Artur José, mas o Carlos aparece agora para tomar teimosamente o seu lugar.

Vale a pena a presença destes Amigos aos sábados só para ver o Carlos exclamar: — *Eu agora sou o chefe!* E o Carlos é um rapaz mongolóide. Quem diria? Digo eu que o trato como meu chefe de serviço.

Padre Baptista

OBRAS — Apesar de incompletas, estão muito bonitas! E a malta já queria utilizar as novas construções.

POMAR — Começámos a vindimar; e a colher pêssegos. Estamos a comê-los e os rapazes gostam. Os pêssegos estão a ficar maduros.

AGRICULTURA — O milho está a ficar maior e a espiga também começa a crescer. Esperamos que haja boa colheita.

CAMPO DE TÊNIS — Afinal teremos um campo de ténis e de voleibol. A malta quer utilizá-los, mas ainda não pode ser! O piso não está pronto!

MAIS UM — Recebemos mais um companheiro. O Agostinho Fernandes, órfão, veio de Pousados (Alcanena), contente por estar numa casa nova e bonita.

Bruno (Aleixo)

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS

Estamos em tempo de férias, que nos servem para meditar naquilo que esteve mal durante o ano e procuramos corrigir.

Da última vez que escrevemos esta crónica, falámos da nossa preocupação com os jovens que ajudamos.

Ficámos duplamente satisfeitos com o casal idoso que visitámos.

A casa metia impressão quando lá entrávamos. Desta vez, finalmente, estava um primor! Paredes pintadas, soalho forrado, tudo limpinho.

A neta, referida na última crónica, deu-nos uma grande alegria: completou o 11.º e passou para o 12.º ano.

Valeu a pena o nosso incentivo. Já lhe demos a nossa ajuda para a matrícula e prometemos ir até ao fim.

São momentos de alegria que desejamos partilhar com os amigos que nos lêem.

Prometemos uma cama a este casal. A velha acabou por cair e agora estão a dormir no chão! Vamos a ver se não falhamos.

Dos amigos que visitamos, perdemos, há dias, a companhia de um que era alcoólico e o álcool acabou com ele.

Era pai de três jovens. O mais velhinho, ainda foi até ao 10.º ano, casou e está bem. A rapariga não quis estudar, está a trabalhar. O mais novo é deficiente mental. Talvez seja a este, que o pai mais falta fica a fazer, pois dava-lhe mais companhia. Por isso, à família não foi fácil dar a notícia. Agora a mãe está em casa para olhar por ele. Vai deixar de trabalhar...!

Como estamos em tempo de descanso, desejamos a todos boas férias e Deus vos dê força e coragem para continuarem a enfrentar os problemas da vida.

Olga e Valdemar

Livros do Pai Américo

«Estou a escrever das Termas... É uma grande bênção de Deus ter possibilidades financeiras e tempo para vir até este lugar tão agradável. Não trocava estes dias, que aqui vou estar, pela melhor viagem do mundo.

Queria pedir uma ajuda. Eu tenho toda a colecção de livros do Padre Américo. A minha biblioteca não tem livros de grande significado cultural, nem de valor material; os que considero de mais valor, na minha estante, são precisamente as obras do Padre Américo. Quando, há cerca de trinta e cinco anos, os comecei a pedir, não tinha tempo para os ler; e, talvez meia dúzia de anos mais tarde, ainda me lembro que foi num sábado de tarde, peguei num deles — e me parece que foi o Ovo de Colombo... — não parei mais, e em pouco tempo devorei-os todos. Recordo que algumas vezes chorei.

Daqui vem o meu pedido de ajuda: que por favor providenciassem o envio de 25 livros para eu oferecer; mas queria que fossem os de leitura mais «rica» para ajudar as pessoas a quem os vou oferecer, que serão desconhecidas e que irei encontrar à saída da igreja depois de uma Missa das 12 horas, de um domingo. Ao dizer mais «rica» não consegui encontrar a palavra certa, mas sei que me entendem.

Assinante 26306»

DOCTRINA



O triunfo da mentira é como a erva dos telhados.

VISTO como estas crónicas semanais, dadas à estampa em o *Correio de Coimbra*, hão-de fornecer a matéria do terceiro volume do *Pão dos Pobres*, é meu propósito escrever um livro e não fazer jornalismo. Um livro verdadeiro é um verdadeiro amigo. A primeira qualidade deste é ser leal e simples. Daí o meu presumar na verdade. Nas aflições é que os amigos se conhecem e apreciam. Eu quero que este responda às inquietações do teu espírito; que vejas em cada lauda uma mensagem de paz; e, no seu todo, a Obra fecunda e luminosa do Evangelho.

SE é verdade que a vida da maioria dos homens se lhes apresenta complicada, é a mentira que assim o causa. Primeiramente começam por mentir a si mesmos; depois pensam, falam e escrevem mentira. Mentira nos algarismos, mentira nos negócios, mentira nas passadas, mentira nas obras, mentira nos juramentos: «Mente que alguma coisa fica!» Ai quão grandes não são as trevas do espírito quando a vida dos homens é feita de mentira! Aqui não. O *Pão dos Pobres* não é falsificado. Se o fora, já há muito que teria sido rejeitado; mas sucede precisamente o contrário. Por isso mesmo, eu devo-me totalmente à verdade nua e escrupulosa e todos quantos no mundo amam a Verdade, gostam e compram mais *Pão*.

O terceiro turno das Colónias de campo regressou na primeira semana de Setembro, tendo fechado com ele o ciclo do veraneio. Os gaiatos da Casa renderam-lhes amistosa despedida; o Luís subiu acima de um mocho num adeus sentido e improvisado. Houve fruta, arroz doce, vinho, mai-los vivas do estilo.

EM virtude de ficar vazio o anexo que foi lar das Colónias, nós vamos estender a Obra e elevar a vinte e cinco o número dos seus habitantes. Como é certo que Obras desta natureza não se fazem com dinheiro,

aceita-se o pequenino que nos bate à porta, certos de que o carinho que se lhe dispensa é garantia de êxito e de progresso. Já os temos do Norte, do Centro e do Sul do País; e até estrangeiros, vítimas inocentes da guerra. O pequeno que apareceu ultimamente é assim. Fala uma língua mesclada; é de invulgar compleição; gosta de trabalhar; e traz os olhos húmidos de lágrimas pelos pais que perdeu não sabe aonde! Andamos a indagar por vias oficiais; e se a família não aparecer — eu tenho mais um filho e tu um amigo.

NÃO te admires de eu falar no plural, que não é majestático, mas sim real; é que nós somos agora dois. O meu Prelado acedeu e vai dar-me por companheiro um sacerdote da minha escolha. Havemos de conquistar o mundo sem saca nem bordão; que ainda hoje, a única forma de o conquistar é não querer nada daquilo que ele nos oferece. Se houvesse outra maneira mais eficaz, o Mestre tê-la-ia ensinado — mas não. «Não queiras duas tunicas.» Francisco de Assis ouviu e não se enganou.

PARA que tu vejas de que força é este meu companheiro e que eu não me enganei na eleição, basta que te comunique o lamiré dado por ele sobre a modalidade da Obra: construir casas, na quinta, para ser uma Aldeia de Rapazes. E eu disse que sim. Toda a educação da criança sem família deve ser feita em células familiares, nunca em aglomerados. A criança há-de ter um pai, não um guarda. Deve ser amparada, não vigiada. Tudo tem que vir bater aqui, neste sistema vivo, forçado pela natureza das coisas. Qualquer outro, é contra a Natureza. A futura Aldeia dos Rapazes que tu hás-de ver e admirar, vai ser afeiçãoada assim. Cada casinha é um lar. O chefe, que é o pai de família, sairá da Casa do Gaiato para a constituir. Em cima, habita-se; em baixo, oficinas; fora, horta e jardim. Vida independente; escola e capela comum. Domingos, confraternização. — *Ai que coisa tão disparatada!*, dirão os mestres de pedagogia. É que não amam. «Se tiveres mil pedagogos, nenhum é pai como eu sou», dizia o Apóstolo aos do seu tempo. Se não és pai, não és mestre.

(Do livro *Pão dos Pobres* — 3.º vol. — Campanha de 1941 a 1942)



Casa do Gaiato de Malanje

Aqui é África

TARDE serena de domingo. Passei na cidade por necessidade de ver rapaz nosso que está internado no Hospital. É o paludismo que vem e muitas vezes sub-repticiamente e que a experiência da irmã Maria logo detectou.

O Hospital já tem medicação para os internados em pediatria. Organização internacional fornece-a. Já só é necessário levar-lhes as refeições e as roupas. No entanto, o nó na garganta mantém-se...

Os homens continuam a não ser irmãos. A recusar serem filhos do mesmo Pai e da mesma terra.

Pelo caminho, passo junto ao campo de futebol da cidade onde se vão jogando partidas aos fins-de-semana. Sinal muito positivo em contrapartida de outros hábitos viciados, degradantes.

Chegado a Casa, encontro um grupo de jovens que vem até nós animar a tarde com danças tradicionais. O sol de Malanje, sempre um pouco melancólico, parece ganhar novo brilho.

Aqui, é África. Passara no regresso por mulher de semblante feliz seguida por um rancho de crianças. Filhos? São muitos e a paternidade alarga-se facilmente a outros que a não têm pelo sangue.

As carências são de toda a ordem, mas fico pensando se seriam necessárias Casas do Gaiato por aqui — se a situação social e económica fosse normal!? Quem sabe, quantas vezes o ter destrói o ser!

O convívio com estes jovens malanjinos terminou. Os últimos raios solares vermelho-alaranjados vão-nos conduzindo à noite que se aproxima. O coração ficou no Hospital olhando o rosto inexpressivo do Domingos e rezando para que o Pai não se esqueça destes filhos.

Padre Júlio

Património dos Pobres

Batem à nossa porta

DE muitos lados batem à nossa porta. Nós somos a Porta Aberta, como sempre quis Pai Américo. Sempre abertos para receber e para repartir. Sempre com esperança e confiança.

Ouçamos este bater:

«Sou viúva há dezanove anos e tenho sessenta. Tenho muitas dificuldades. Tenho quatro filhos, mas o mais velho é alcoólico e tem uma filha que eu criei desde os seis meses, que a mãe abandonou. Eu sou muito doente; os meus ossos estão a ficar todos deformados; também sou diabética. Sou controlada por medicamentos e dietas.

O meu pedido é este: Tenho uma casinha apenas com dois quartos. Comprei outra casinha que ainda é mais pequena que a primeira, que faz parede meeira com a anterior, só que essa parede está a cair e eu só tenho medo que caia.

Não tenho rendimentos nenhuns e venho pedir esta ajuda, como me disseram

que já ajudaram outras pessoas. Foi por isso que pedi para me escreverem esta carta porque não sei escrever. Peço por amor de Deus que me ajudem.»

No dia seguinte o correio levou a nossa ajuda.

Outro bater:

«Devido a um desastre, há seis anos, em que só não morri porque Deus não quis, sofri amputação da perna direita, pelo que não posso trabalhar na minha profissão e até hoje não consegui arranjar qualquer outro trabalho. Estou a re-

ceber uma pequena pensão.

Habito há vinte e seis anos numa casita alugada, mas o senhorio necessita dela e intimidou-me a sair. Tenho dado voltas e mais voltas e não consigo arranjar uma por renda que possa pagar. A minha mulher não pode trabalhar porque tenho dois filhos pequenos: uma menina de seis anos e um menino de três.

Nesta conformidade, se me puderem dar qualquer ajuda, muito agradeço.»

Logo na primeira viagem ao Sul passámos naquela

Vila. Depois de muitas voltas encontrámos a habitação. O portão e a casa um tanto abandonados, tudo envelhecido. Estavam a mulher e os filhos. Ele não estava. Ela apareceu-nos aflita da vida. A filhita, nua como nasceu, só com uma toalha pelos ombros, andava às voltas pela via pública. O menino olhava para nós, admirado.

Soubemos que há quem queira ajudar, mas!... Como esta, há muitas outras situações cuja solução não é fácil, pois quem tem condições, geralmente, fecha-se no seu egoísmo. Não está para se ralar. Um grande mal do nosso tempo!

Padre Horácio



Do humilde casebre nasceu esta habitação florida — com a ajuda do Património dos Pobres.

SETÚBAL

Liberdade e responsabilidade

O Bruno, da rouparia, foi hoje embora. Digo: foi embora porque se não despediu.

Há muito tempo que eu trazia dentro de mim esta pergunta: — Faço bem em manter, em Casa, o Bruno?

Doía-me mandá-lo embora e, quando após a tropa ele não apareceu em Casa, sobressaltei-me afluivamente.

Estou a vê-lo com os quatro irmãos, quando a mãe, incapaz de os criar, veio com eles, por duas vezes, implorar que os aceitasse. Não havia muro que não saltassem nem telhado que não descobrissem. Pareciam-me bonecos eléctricos sem qualquer comando.

A Escola além de estranha era também detestada.

Após o sexto ano foi para a carpintaria e matriculou-se no ensino recorrente nocturno. Com dezassete anos, as aulas perdiam todo o entusiasmo perante o encanto de poder passear à vontade pelas ruas e jardins da cidade com as garotas de mentalidade semelhante. Sem se agarrar também ao ofício, a tropa apareceu-lhe como um trunfo para se emancipar.

O serviço militar de quatro meses tem sido a ruína interior de todos os rapazes desta Casa que nele se têm incorporado desde que vigora. Mas que ruína!... Não aprendem nada de bom e assimilam muito mal. Nem um, sequer, foi excepção. A tropa tem provocado o desmoronamento dos valores que com tanto sacrifício semeamos na alma dos rapazes. Não sabemos as razões. Verificamos os efeitos.

O Bruno não mais se encontrou.

Chamado à responsabilidade, por eleição, da casa 2, o acontecimento estimulou-me a esperança. Sonho fugaz!... Desfeito em pouco tempo! A chefia era mais um poleiro de que se aproveitava para arranjar amigos à custa da iniquidade, do que um posto de serviço aos companheiros de casa. A casa e os quartos em desalinho. A disciplina variava conforme a minha presença ou ausência. O ordenado que com subsídios de Natal e de férias lhe metíamos no bolso em vez de amealhado para amanhã, era perdulariamente gasto em ninharias vãs.

Vinte anos não é idade para andarmos continuamente a chamar à ordem um rapaz. A vida com o seu peso total tem muito mais eficácia que as nossas palavras por muito amigas.

A luz entrou-me dentro da alma, quando, ao chegar a casa, em dia de trabalho, muito após a meia-noite, apanhei a malta toda da casa 2, com o seu chefe irresponsavelmente regalado a ver um filme na televisão. Não pode ser. Uma Obra de Rapazes a funcionar assim é uma desgraça colectiva.

Só a responsabilidade faz o homem. Tudo o resto é conversa fiada que não chega a lado nenhum. As traves mestras do nosso método de educar os rapazes são a liberdade e a responsabilidade. As duas a par como namorados carinhosos. Nunca uma sem a outra. Esta intuição humana também sugada da experiência, tem a sua fórmula revelada na Bíblia: feliz o homem que pode fazer o mal e o não faz. Ditoso o homem que cumpre os Mandamentos do Senhor!

A felicidade do homem depende do uso que ele faz da sua liberdade. Esta decisão foi mais um acto de amor pelo Bruno!... Que não o último.

Dei-lhe a esperança de continuarmos a ser, para ele, rectaguarda familiar. Assim ele se faça um Homem!

Padre Acílio

PENSAMENTO

Acredita na força estupenda da Verdade. Vive dela, que convences e vences. Grande coisa é fazer e dizer!

PAI AMÉRICO